

PRIMEIRA PARTE

O Livro das Descobertas

A linha tênue entre o amor e o ódio

Amo seu amor
E odeio seu ódio
Mas, num segundo
Posso amar seu ódio
E odiar seu amor

(10 de maio de 2002)

A passagem do tempo

Cronos – deus imundo!
Deste o tempo ao mundo

Mas foste tão incompetente
Que o fez andar só para frente

Deixando o passado inconcebido
Difícil de ser esquecido!

(27 de maio de 2002)

Alma de Vagabundo

Vira mundo
Vira mundo
Vagabundo
Sai correndo pelo mundo
Canta o fado, canta tudo
Sua vida, rima mudo
Vira mundo
Vira mundo
Vagabundo

(22 de janeiro de 1995)

Amor rima com dor

Amor rima com dor
E não com paixão,
Compaixão
Pois existe uma linha
Tênuê entre ele e o desamor
Palavra tão triste quanto
A solidão
E que, parece que não,
Mas deve rimar com o ódio

Então é por isso
Que eles se dão
Porque, no fundo, se
O sofrimento e a felicidade
Se misturam, deve ser porque
São ambos um algo só
E, cruzando a linha tênue que
Os separa, eu digo:
Amor e ódio rimam

(28 de outubro de 2001)

Apologia a Baudelaire

Flores ou espinhos?
Talvez não saiba ao certo
Mas sei o que sinto
Que, enquanto imito um *flâneur*,
Bebo do seu absinto
E me encanto
Do seu tão incompreendido *spleen*

Talvez porque o bem e o mal se misturem
Formando apenas um símbolo
Ícone da divindade
Sabor de sua brevidade
E, caminhando pelas ruas de Paris
Celebro com as nuvens de tantas viagens
Do gosto da mesma loucura

De sabor de ópio ou de haxixe
Máscara do ícone da fome
Chave da porta dos sonhos
Daquele que, do jardim de tanta maldade,
Pode ter sido o único
A conseguir colher belas flores

As flores do mal...

(1995)

Conflito

Do amargo sabor deste conflito
Repito, por todos estes estragos
Que as dúvidas que trago
São os rastros da dor que repito
Lá no fundo do meu peito

(19 de abril de 2002)

Criador

Criador
Cria-dor
Mas, por favor,
Tira-a do meu peito
Para que não carregue esta dor
Até meu último leito...

(17 de novembro 2001)

Desamor

Eu não te amo
Eu te desamo
Por tudo aquilo que fiz
Ou que desfiz
Ou que você falou
Ou desfalou
Porque o amor virou desamor
Mas a dor continua dor

Espero o dia, talvez
Em que te desdesame
E que o desamor
Vire desdesamor
Para que você me ame
E eu te ame
E para que a dor vire desdor

Pois só assim poderei dizer (como antes)
Eu te amo

(28 de outubro de 2001)

Escrever

Escrevo, e daí?
As palavras saem do bico da caneta
Não quero saber de gramáticos e suas regras
Apenas do que sinto ou o que vai sair
E, o que vais fazer, atirar-me pedras?
Só escrevo, pois sou poeta
E se você não quiser ler o que escrevi
Fuck you, com todas as letras!

(26 de janeiro de 1996)

Exilado

Exilado
Enjaulado
Aprisionado
Trancado nas masmorras
Da minha existência
Aqui, neste quarto escuro,
Pago, mudo, penitência

(17 de novembro de 2001)

Febre

Esta febre que toma meu corpo
Parece tomar também minha alma
Ardo, mas não ardo em paixão
E sim de uma vontade louca de dormir
Para nunca mais acordar

(02 de dezembro de 2001)

Hai-kai de papel

(Vencedor da 4ª Menção Especial do **Mutirão de Poesia**,
edição 1997, Porto Alegre/RS - SSR Editor, 1997)

Quando você chegou até a mim
E rabiscou meu papel
Pegou a borracha, apagou meu céu

Me sujou de nankin
E avermelhou meu horizonte
Despejou tinta em minha fronte
Fez-me rasuras em monte
E me beijou de carmim

E ficamos assim
Versos jogados ao léu
Num borrocado hai-kai de papel

(26 de setembro de 1995)

Marcas

Procuro marcas do que se foram
Mas não reconheço o que há no espelho
Daquele, nem os olhos sobraram
Talvez porque o menino ficou mais velho

(19 de abril de 2002)

Meretriz das palavras

Poeta, puta, palavra, pedra
Esse sujo emprego de prostituir as palavras
Poesia, rima, quebra
Na esquina do caderno, fazendo ponto
Gozo, calor... poeta, meretriz que lavra
...e que não ganha mais que um conto.

...aplausos para o poeta!...

(22 de janeiro de 1995)

Ni-hon

Precisava enxergar do lado direito
Velho e honorável Japão
Tua imagem me é como uma gueixa
A pele amarelo-rósea, vestida em *kimono* preto
Os passos da dança, mais pura perfeição
A lembrança duma vida que não se deixa

Queria estar aí agora, Japão
E viver o que a vida é de verdade
Pular para o lado direito
E, como o *kandji* do coração
Tornar-me seu filho - que vaidade
Honrar teu templo com afeto e respeito

Que bela imagem tenho de ti
A fúria dos *samurais* e da magia
Queria viver como um oriental
Rezar em teus templos, incontinenti
Gozar de tua exótica alegria
Tornar-me em tua terra um imortal

(22 de janeiro de 1996)

O Bufão

O bufão é feio, é feio o bufão
Olhos estranhos e um grande narigão
Sua figura gozada de um velho pústula
É tão engraçada que até assusta
E não se sabe de onde veio esse bufão feio, muito
feio

Ele bate no peito, impondo respeito
Por isso não seja, respondo com calma
Pra mim isso tudo é questão de despeito
Duma criança grande e mimada
Que acaba de ver tomado o seu brinquedo

Tomara que ele volte
De onde nunca deveria ter saído
Para não voltar a nos assombrar mais
Porque o bufão é feio, feio, muito feio
E o que ele deveria ter aprendido
É que nós queremos continuar em paz

(14 de abril de 2002)

Orlamundo

Orlamundo, vagabundo
Vira o mundo, sujismundo
Esquece a vida, esquece tudo:
Alma de andarilho e aparência de imundo
Bebe até cair no chão, depois segue sobre o trilho
Cheiro de urubu rançudo
Roda tudo, vagabundo
Esse aí é Orlamundo
O vagabundo
O andarilho...

(26 de janeiro de 1996)

Para a UFES

Universidade
Univer-cidade
Universo e idade
Universidade
Cidade do interior
Microcosmo

(14 de abril de 2002)

Pedra

A cada pedra que existe na rua
Uma história de dor obscura

Cada passo da jornada da vida
Cada trilha que deve ser escolhida
Cada esperança que lhe é tolhida

A realidade é como uma mulher nua
De pele alva mas de alma escura

(26 de janeiro de 1996)

Poesia

Poesia é pérola atirada aos porcos
Do poeta profano que faz versos a esmo
Prostitui as palavras com versos toscos
Acaba com a rima como acaba com si mesmo
Fabrica sonhos num mundo de realidade

(22 de janeiro de 1995)

Preço

Talvez tenha medo
De pagar o preço
Desta estranha vontade
De viver em liberdade
Que me chega tão cedo

(19 de abril de 2002)

Surreal

E num mundo de cores
Dores, amores, sabores
Aventuras e desventuras
Um mundo surreal

...Doa a quem doer!

(26 de janeiro de 1996)